

Resenha

Dos estudos literários aos estudos de edição: Uma trajetória para fugir da disciplinaridade

De los estudios literarios a los estudios editoriales: Una trayectoria para huir de la disciplinariedad

Paula Andrea Marín Colorado¹

¹ Universidad de Antioquia, Medellín, Antioquia, Colômbia

RESUMO

Este texto apresenta reflexões sobre a pesquisa em edição a partir das memórias e experiências da pesquisadora e professora colombiana Paula Andrea Marín Colorado, uma das coordenadoras do mestrado em Estudos Editoriais do Instituto Caro y Cuervo, em Bogotá. Marín Colorado narra sua trajetória desde sua formação em Letras até seus atuais estudos e publicações, passando por oportunidades de aprendizagem em estágios de pesquisa em outros países, na relação com pesquisadores mais experientes, no contato próximo com agentes do mercado editorial e com teorias e métodos de outras áreas, como a História e a Sociologia. O texto é um chamado aos estudos de edição e à riqueza da interdisciplinaridade no campo.

Palavras-chave: Estudos de Edição; Estudos Editoriais; Mercado Editorial; Pesquisa em Edição.

RESUMEN

Este texto presenta las reflexiones sobre la investigación en edición, desde las memorias y experiencias de la investigadora y profesora colombiana Paula Andrea Marín Colorado, coordinadora de la Maestría en Estudios Editoriales del Instituto Caro y Cuervo, en Bogotá, entre 2017 y 2020, y directora de la línea de investigación “El Libro en Colombia” en la misma institución, entre 2016 y 2023. Marín Colorado narra su trayectoria desde su formación en Letras hasta sus actuales estudios y publicaciones, además de sus oportunidades de aprendizaje en investigaciones en otros países, su relación con investigadores con mayor experiencia, su contacto cercano a los agentes del sector editorial y a las teorías y métodos de otras áreas del conocimiento, tales como la Historia y la Sociología. El texto es una convocatoria a los estudios editoriales y a la riqueza de la interdisciplinariedad del campo.

Palabras clave: Estudios de la Edición; Estudios Editoriales; Mercado Editorial; Investigación en Edición.

1 UMA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Sou a coordenadora da linha de pesquisa “El libro en Colombia”¹, do Mestrado em “Estudios Editoriales”² do Instituto Caro y Cuervo³ (curso que coordenei nos primeiros quatro anos de funcionamento); e há sete anos, quando foi aberta a primeira turma do Mestrado, comecei a trabalhar lá como professora e pesquisadora. Essa linha é única na Colômbia porque, como

1 “O livro na Colômbia”. Optamos por traduzir os nomes das instituições, dos programas e das disciplinas apenas em notas de rodapé. Preferimos usar “estudos de edição” em português, em vez de “estudos editoriais”, conforme o que parece mais corriqueiro no Brasil. Tradução de Ana Elisa Ribeiro, professora titular do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), pesquisadora da Fapemig e do CNPq, agências às quais agradece.

2 “Estudios Editoriales”.

3 Importante instituto de pesquisa e instituição de ensino em Bogotá, Colômbia.

se verá mais adiante, os estudos sobre o livro, a edição, e a leitura no país estavam concentrados em uma perspectiva histórica: ao abrir o campo aos estudos editoriais, surgiu uma visão verdadeiramente interdisciplinar para abordar os problemas de pesquisa relacionados ao ecossistema do livro. Conto isso porque parece importante reconstituir minha trajetória profissional e de pesquisadora; conto isso porque acredito que só assim minhas considerações sobre a pesquisa em edição de publicações poderão ser melhor entendidas.

Minha chegada aos estudos de edição se deu há nove anos, quando eu cursava o doutorado. Venho dos estudos literários (na graduação, no mestrado, no doutorado e no pós-doutorado), e nove anos atrás eu não sabia que existiam os estudos de edição, e que meu futuro profissional estaria neles. Em minha tese, pesquisei o campo literário colombiano da primeira metade do século XX. Graças à teoria dos campos da produção simbólica, proposta por Pierre Bourdieu no final da década de 1960 e consolidada na de 1990, comecei a me perguntar pelas condições de publicação e circulação dos livros que estava lendo, publicados na Colômbia entre as décadas de 1920 e 1970: Quem leu esses livros no momento de sua publicação? Quem foram os responsáveis por publicá-los? Quantos venderam? Quais foram resenhados na imprensa da época? Em que livrarias foram vendidos? Uma das descobertas mais surpreendentes nesse momento foi saber que enquanto uma obra como *4 anos a bordo de mí mismo*, de Eduardo Zalamea Borda, que só havia vendido dezoito exemplares, tinha se tornado parte do cânone literário colombiano, os romances de Arturo Suárez Dennis⁴, que vendiam entre três e seis mil exemplares, haviam sido esquecidos.

Talvez se possa pensar que é justo que as obras literárias “ruins” sejam esquecidas ao longo do tempo, mas isso continua parecendo uma resposta demasiadamente fácil e que me mantém inquieta. Como acho que todos e todas sabemos, o valor de uma obra literária se define segundo critérios (estéticos, éticos, editoriais, políticos) que mudam com o tempo e conforme o tipo de leitura que fazemos dos textos (e que os atualiza para novas leitoras e novos leitores). Os romances de Arturo Suárez me ensinavam mais sobre o público leitor da primeira metade do século XX na Colômbia do que a pequena elite intelectual que leu o maravilhoso romance de Zalamea Borda. E aqui tudo começou. Em minha trajetória de pesquisadora, Suárez estabelece um antes e um depois. Com ele, começo a indagar sobre o que, mais adiante, eu poderia

4 Ambos os autores sem tradução no Brasil.

chamar de estudos de edição; com ele, passei a ter sempre (e até agora) um pé na literatura e outro na edição, e isso não seria possível se eu não tivesse passado antes pela pesquisa das publicações periódicas culturais, e graças também à minha pesquisa de doutorado, à ajuda de Olga Vallejo e ao grupo “Colombia: Tradiciones de la Palabra”, da Universidad de Antioquia⁵, na época coordenado por ela.

2 GUIAS INSUPERÁVEIS

Tive a sorte de ter três guias insuperáveis em meus primeiros passos nos estudos da edição de livros: Susana Zanetti, Renán Silva e Jesús Antonio Martínez. Em 2013, fiz um estágio de pesquisa em Buenos Aires e lá conheci Zanetti, que generosamente me levou à sua casa para conhecer a biblioteca (que ocupava todo o apartamento). Ela tinha um quarto dedicado à Colômbia, e uma parede dedicada às obras de José María Vargas Vila; tinha recolhido as edições que podia comprar em sebos e era fascinada pelas anotações e marcas que os leitores deixavam. Seu projeto futuro (nessa época, uma mulher de 80 anos) era se dedicar a estudar esses “rastros leitores”. Rafael Gutiérrez Girardot e Renán Silva eram os únicos acadêmicos em cujos livros eu havia encontrado menções a Arturo Suárez. Eu já não podia procurar Gutiérrez Girardot (que maravilha teria sido!), mas, sim, Renán Silva, que aceitou que eu o entrevistasse em sua casa. Do que me lembro naquela tarde (além do meu nervosismo): ele me incentivou a pesquisar Suárez e me instou a ser mais crítica com Bourdieu. Em 2014, fui a Madri para outro estágio de pesquisa, graças a uma bolsa de doutorado. Nessa altura, agradeço que meu plano inicial de ir ao Chile para continuar estudando literatura tenha sido cancelado, porque isso propiciou meu encontro com Martínez. Não me lembro de como exatamente fiz uma busca no Google, mas ali apareceu seu nome e contato. Sua resposta positiva diante de minha solicitação não demorou a chegar e com ela pude ficar por um semestre na Espanha. A experiência com Martínez foi a primeira formação em termos estritos que tive no campo da história do livro, da edição e da leitura. Li muitíssimo, não só graças ao curso que fiz com ele, mas também ao seminário de pesquisa que ele coordenava e às bibliotecas às quais pude ter livre acesso. Foi graças a esses três grandes mestres que pude concluir minha pesquisa sobre Arturo Suárez e logo começar outras muito mais identificadas com os estudos de edição.

5 “Colômbia: Tradições da Palavra”; Universidade de Antioquia, na Colômbia.

Mencionar Renán Silva e Jesús Antonio Martínez é importante porque ambos são historiadores, e foi a perspectiva histórica que concentrou a maioria dos trabalhos sobre estudos do livro produzidos na Colômbia até 2016, sobretudo graças ao impulso que lhes deram, na Universidad del Valle⁶, Renán Silva, Gilberto Loaiza Cano e, um pouco depois, Alfonso Rubio. Segundo as conclusões dos quatro balanços publicados (até agora) sobre o estado dos estudos do livro, da edição e da leitura no país, são três as etapas: a primeira surge em meados do século XX e se pode identificar nos estudos bibliográficos (listas analíticas e inventários); a segunda, que surge na década de 1990, é marcada pela história cultural e influenciada pelos trabalhos de Roger Chartier; e a terceira, que emergiu recentemente, pode ter seu desenvolvimento localizado nos últimos sete anos e vem sendo permeada pelos estudos literários e pela sociologia. Sergio Pérez chamou essa etapa recente de “o tempo dos editores”, pois foi quando apareceram os trabalhos que focalizam esses agentes do ecossistema do livro, embora já tivéssemos um antecedente na publicação do texto “Pioneros de la edición en Colombia”⁷, de Juan Gustavo Cobo Borda (1990).⁸

Essa última etapa, apesar de curta, foi prolífica em publicações sobre o tema. Diferentemente das etapas anteriores, muito concentradas no século XIX, assim como na Colônia, ela avançou até o século XX e início do XXI. Sobre etapas anteriores, foram publicados livros que procuraram apresentar uma visão diacrônica ampla de fenômenos da cultura escrita e da imprensa no país. Menciono três deles: *Minúscula y plural: Cultura escrita en Colombia* (Alfonso Rubio, editor académico, 2016), *Historia de la edición en Colombia. 1738-1851* (Alfonso Rubio y Juan David Murillo, 2017) e *Lectores, editores y cultura impresa en Colombia: Siglos XVI a XXI* (Diana Paola Guzmán, Paula Andrea Marín, Juan David Murillo e Miguel Pineda, editores académicos, 2018).

⁶ Universidade do Valle, em Cali, Colômbia.

⁷ “Pioneiros da edição na Colômbia”.

⁸ Os quatro balanços a que me refiro são: de Juan David Murillo, “La historia del libro en Colombia: itinerario y horizonte”, em Marina Garone (comp.) *Un hilo de tinta recorre América Latina. Contribuciones para una historia del libro y la edición regional*. Villa María: Eduvim, 2022, p. 299-313; uma versão anterior desse trabalho foi publicada como: “The history of books in Colombia: the roadmap of an emerging field” (2018): <https://www.sharpweb.org/linguafranca/wp-content/uploads/2018/06/Colombia.pdf>. De Diana Paola Guzmán e Paula Andrea Marín, “Publishing en Colombia”, em *Oxford Research Encyclopedia of Literature*. Oxford University Press, 2021. doi: <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190201098.013.1232>. De Sergio Pérez, “Estudios sobre el libro en Colombia. Una revisión”. *Lingüística y Literatura*, 71 (2017). <https://revistas.udea.edu.co/index.php/lyl/article/view/326922>. E de Alfonso Rubio, “La historia de libro y de la lectura en Colombia. Un balance historiográfico”. *Información, Cultura y Sociedad*, 34 (2016). <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/ICS/article/view/2240>

3 NECESSIDADE DE NOVIDADES

Volto à minha trajetória. Com o tempo, consegui compreender melhor como funciona meu intelecto e quais são minhas necessidades mais urgentes: sobretudo, preciso de novidades; quando deixo de sentir isso, me aborreço e me vejo incentivada a mudar de tema, a procurar novos problemas de pesquisa. Minha chegada aos estudos de edição foi incentivada por um problema que surgiu nos estudos literários, mas que não podia ser resolvido só com eles e, após minha experiência na Universidad Complutense de Madrid⁹ com Martínez, me vi profundamente influenciada pelos estudos históricos. Daí surgiu meu livro: *Un momento en la historia de la edición y de la lectura en Colombia (1925-1954). Germán Arciniegas y Arturo Zapata: dos editores y sus proyectos* (Universidad del Rosario, 2017)¹⁰. No entanto, logo depois de publicá-lo, comecei a me preocupar porque descobri que não existia quase nada de pesquisas ou publicações sobre a segunda metade do século XX e muito menos sobre o XXI. Da mesma maneira, me dei conta de que podia continuar nutrindo a relação entre literatura e edição por meio das minhas pesquisas, e que o presente da edição e da leitura no país requeria pesquisas com enfoques qualitativos e quantitativos, além dos etnográficos.

Desse modo, fui me distanciando do enfoque mais histórico e me aproximando da sociologia da edição e da etnografia. A sociologia da edição tem uma vantagem para mim, que é sua relação direta com a sociologia da literatura, algo fundamental em minha formação desde o mestrado em Literatura Hispano-americana. Quem eu mais li para aprender a teoria e a metodologia da sociologia da edição foi Gisèle Sapiro, cujo mestre foi Pierre Bourdieu, mas é ela quem mais desenvolveu, na França, uma sociologia que abarca fenômenos como a tradução, a circulação internacional do conhecimento, a globalização editorial e, sobretudo, as tensões entre o campo da grande produção e o campo da produção restrita, onde encontramos a edição independente e a edição universitária. A partir da sociologia da edição, consegui concluir pesquisas sobre coleções e catálogos editoriais, do que derivaram artigos e capítulos de livros, assim como a coordenação acadêmica de um projeto coletivo que teve como resultado um livro recentemente publicado: *La edición del cuento en Colombia en el siglo XX. Apuestas editoriales*

9 Universidade Complutense de Madri, na Espanha.

10 *Um momento na história da edição e da leitura na Colômbia (1925-1954). Germán Arciniegas e Arturo Zapata: dois editores e seus projetos*. Sem tradução no Brasil.

y legitimación de un género (Ana María Agudelo, Paula Andrea Marín e Diana Paola Guzmán, editoras académicas, 2022)¹¹.

Considero esse último livro como um aporte teórico, metodológico e histórico para os estudos de edição e isso por três motivos: apresenta um modelo de pesquisa para abordar as relações necessárias entre a literatura e a edição; faz a reconstituição da história de dez editoras colombianas (oito delas não haviam sido investigadas até ali); e pode-se considerar também como um modelo de análise dos catálogos editoriais. A edição do conto na Colômbia no século XX foi um sonho tornado realidade também por duas razões: a primeira, porque acredito que nele consegui praticar o aprendizado que havia acumulado com o tempo, graças ao contato com José Luis de Diego, o quarto mestre em meu caminho nos estudos de edição. O contato com de Diego se deu desde 2015, depois de ouvir suas intervenções em eventos acadêmicos e de fazer cursos com ele (em La Plata, Argentina); como Zanetti, ele fez sua carreira na Universidad Nacional de La Plata¹² e, também como ela, vem dos estudos literários.

4 TRABALHAR EM EQUIPE

A segunda razão de me sentir tão feliz por ter publicado *La edición del cuento en Colombia* é pelo trabalho em equipe. Pesquisar coletivamente não é fácil, mas, em meu caso, tive a sorte de encontrar colegas preciosas, que me apoiaram em minha procura intelectual e têm a valentia, o compromisso, a generosidade e a paciência de se sentar para discutir, por horas, sobre teorias e metodologias, e de dedicar muitas outras horas a analisar arquivos e a reconstruí-los. Por dez anos, fui parte do grupo de pesquisa “Colombia: Tradiciones de la Palabra” (Universidad de Antioquia). Entre seus membros, encontrei pessoas com quem pude realizar o sonho de trabalhar em equipe e a quem convidei para continuar trabalhando, desde minha posição no *Instituto Caro y Cuervo*. Depois do projeto sobre conto e edição, trabalhamos em outros dois: um sobre as livrarias atualmente em funcionamento em Bogotá e Medellín, e outro sobre bibliotecas pessoais vivas. Esses projetos tinham um antecedente, em termos metodológicos (logo explicarei por que): o livro *Ellas editan* (Margarita Valencia e Paula Andrea Marín, editoras, 2019)¹³, que recolheu 16 testemunhos de editoras mulheres que desenvolveram seu trabalho na Colômbia na segunda metade do século XX e início do XXI. O que fiz com Marga-

11 *A edição do conto na Colômbia no século XX: Apostas editoriais e legitimação de um gênero*. Sem tradução no Brasil.

12 Universidad Nacional de La Plata, na Argentina.

13 *Elas editam*. Sem tradução no Brasil.

rita Valencia foi construir um arquivo vivo e, por meio dele, contar a história da edição no país na segunda metade do século XX e início do XXI, a partir das vozes femininas de quem teve papel fundamental no campo.

Com *Ellas editan*, compreendi que, diante da falta de pesquisas ou arquivos suficientes sobre a edição na Colômbia, no século XX, devia-se recolher a informação nas pessoas, entre os agentes protagonistas do nosso ecossistema do livro: primeiro foram as editoras, depois seriam as livreiras e os livreiros, e, mais recentemente, os leitores habituais. Nessas três pesquisas, os desafios metodológicos e teóricos foram grandes, pois tivemos de aprender sobre métodos etnográficos de pesquisa: fazer e analisar entrevistas; projetar, aplicar e analisar questionários; fazer observações e trabalho de campo. A esses aprendizados se somam outros com que já tínhamos alguma experiência: projetar, aplicar e analisar bases de dados quantitativas e qualitativas. Aos desafios do trabalho em equipe se somam os de trabalhar não com livros ou arquivos documentais, mas com seres humanos que se tornam nosso “objeto” de pesquisa; as exigências éticas são muitas nesse sentido, assim como também as pessoais e profissionais. Trabalhar com pessoas exige que nos adaptemos aos seus tempos, suas rotinas, a ter paciência e a demonstrar um profundo respeito pelo que fazem, dizem, pensam e sentem.

Os resultados dessas duas últimas pesquisas (sobre livreiras e livreiros, e sobre leitoras e leitores habituais) são os livros: *Oficio: libros. Historias de librerías y libreros en Colombia* (Margarita Valencia, Paula Andrea Marín e Ana María Agudelo, editoras, 2023) e *Lectores habituales y bibliotecas personales. Testimonios y experiencias de lectura* (Paula Andrea Marín, Margarita Valencia, Ana Agudelo e Diana Guzmán, editoras, no prelo)¹⁴. Por hora, me vêm duas reflexões sobre elas: a primeira, a enorme e rica diversidade de objetos, problemas de pesquisa e metodologias que existe no campo dos estudos de edição, quando temos na cabeça que o livro faz parte de um ecossistema que vai da autora ou do autor à sua leitora ou ao seu leitor, passando por um processo de edição que põe o livro na esfera pública. A segunda reflexão é sobre os desafios que supõe investigar o presente. As três pesquisas mais recentes que coordenei me mostraram que um dos muitos desafios que temos nesse campo de estudos é não ter medo de analisar o presente. De fato, realmente penso que esse deve ser um dos nossos compromissos. Além de ser necessário completar o que falta em termos de história do livro, da

¹⁴ *Oficio: libros. Historias de librerías e libreros na Colômbia e Leitores habituais e bibliotecas pessoais. Testemunhos e experiências de leitura*. Ambos sem tradução no Brasil.

edição e da leitura na Colômbia, também é necessário abordar os fenômenos, preocupações e problemas do presente do nosso setor editorial, da leitura e das bibliotecas, pois considero que uma parte da nossa responsabilidade como pesquisadoras é contribuir para a compreensão e fazer recomendações para a solução desses problemas.

5 ACADEMIA E SOCIEDADE

Esta segunda reflexão tem a ver, pois, com o diálogo necessário que deve existir entre a academia e a sociedade, algo muito mais justificado no campo dos estudos de edição. Em meu caso, encontrei um desafio adicional, nesse sentido, que são os ouvidos moucos que muitas vezes os agentes do setor fazem para tudo o que venha da academia. Acredito que, historicamente, criou-se uma desconfiança mútua, e um dos itens que devemos aprender é ir reduzindo a brecha entre o setor editorial, a indústria editorial e os acadêmicos e acadêmicas. Fui muito afortunada em trabalhar no Mestrado em Estudos Editoriais porque, entre meus colegas, alguns são acadêmicos, e outros, agentes ativos do setor editorial. Trabalhando com eles, escutando-os, aprendi o que não é visível no material bibliográfico ou documental que consulto. Esse mesmo contato fez com que os espaços nos quais socializamos nossos resultados de pesquisa não sejam restritos aos acadêmicos, e se estendam a outras pessoas mais relacionadas com a sociabilidade do setor editorial: festivais literários, feiras do livro, bibliotecas e reuniões com associações e agremiações editoriais e livreiras (a Cámara Colombiana del Libro, o Comité de Editoriales Independientes e a ACLI – Asociación Colombiana de Libreros Independientes, entre outras¹⁵).

Acredito que nós que viemos dos estudos literários temos uma vantagem, que é a hermenêutica que desenvolvemos como habilidade de pesquisa. Nossa capacidade de interpretação de dados, de informação, é muito valiosa e alcança níveis de complexidade que não são fáceis de aprender para outros profissionais (ainda que não sejam impossíveis), se a isso somamos, ainda, o contato com teorias que tivemos em nossa vida profissional. O trabalho que fizemos em crítica, teoria e história literária se converte em uma ferramenta maravilhosa para empreender pesquisas em estudos de edição. Desde a década de 1970, são produzidos na Colômbia informes quantitativos e descritivos sobre o estado da indústria editorial. No entanto, esses informes carecem de análises e interpretação dos dados. Outro dos meus objetivos como

15 Cámara Colombiana do Livro; Comitê de Editoras Independentes; e ACLI – Associação Colombiana de Livreiros Independentes.

pesquisadora no campo dos estudos de edição é colaborar, a partir da minha hermenêutica, para a redução da falta de análises e interpretação de dados que o setor editorial produz. Daí que, enquanto estive na coordenação do Mestrado em Estudos Editoriais, fiz tudo o que esteve ao meu alcance para a criação do Observatório Editorial Colombiano (OEC)¹⁶, uma iniciativa dos egressos do Mestrado cujo objetivo principal é funcionar como um lugar de recolha desses dados produzidos pelo setor no país para, a partir de análises e interpretações, produzir um material que ajude os agentes do setor a tomarem decisões melhores em seus processos de produção, distribuição ou comercialização.

Nesse sentido, eu mesma entrei nesse tipo de pesquisa, da qual derivaram três textos: um sobre o setor editorial na Colômbia entre 1970 e 1990; outro sobre esse setor nos anos 2000 a 2019; e um último sobre as editoras independentes colombianas atualmente em funcionamento, que escrevi com os coordenadores do OEC. É emocionante quando, depois de passar muitas horas projetando e lidando com bases de dados, podemos ver os primeiros gráficos com resultados, as primeiras estatísticas, os números que comprovam hipóteses ou que nos fazem alterá-las. Mas o mais complexo vem depois, quando nos ocupamos de cruzar dados, ver como se relacionam com variáveis quantitativas e com fenômenos que os dados por si só não permitem ver. Acredito ser absolutamente necessário que os estudos de edição vinculem esse saber às suas metodologias: a chamada mineração de dados (e ainda tenho muito o que aprender). As três pesquisas que mencionei no início deste parágrafo me permitiram entender a importância das cifras do setor editorial para compreender fenômenos mais amplos: Quantos livros, periódicos, revistas são publicados em determinado momento? De que matérias são? De que temas? Quais e de que tipo são as editoras que os publicam? Quem trabalha nessas editoras? Qual é o canal de comercialização? Quais são os autores e as autoras mais publicados? Quais são os que mais vendem ou mais circulam? Como o público leitor os recebe? Como é esse público leitor? Como adquire os livros? Qual é o marco legal sobre o qual funciona o setor editorial do país? As cifras precisam de pesquisadores que as analisem e as interpretem para pô-las a serviço dos agentes do setor e oferecê-las também como insumos para as políticas públicas das indústrias culturais, leitura e bibliotecas. Acredito que esse deveria ser o objetivo último do que fazemos nesse campo de estudos, ainda que estejamos conscientes de quão utópico é esse desejo.

¹⁶ Observatório Editorial Colombiano.

6 PRESENTE E FUTURO

Há muito por fazer. Precisamos de pesquisadoras e pesquisadores que continuem indagando a partir do enfoque histórico da edição, do livro e da leitura, da cultura escrita e impressa do país; precisamos que outras e outros se perguntem por temas especializados da edição e da produção, circulação e recepção do conhecimento; precisamos, além disso, de pesquisadoras e pesquisadores que desejem trabalhar junto com o setor editorial atual para compreender melhor seu funcionamento, sua situação e seus problemas, e ampliar o diálogo entre academia e sociedade.

Minha trajetória vem até aqui (até este momento de minha existência). Espero que algo de toda essa experiência sirva a mais alguém que esteja começando ou que queira começar no campo dos estudos de edição. De minha parte, sei que no momento que sentir que meu campo de pesquisa atual vai se estreitando ou se tornando repetitivo, voltarei a fazer as malas e a procurar outros rumos nos quais me sinta mais livre e criativa. Não quero mais atuar em campos de pesquisa com regras, disciplinaridade exagerada, hierarquias, confrarias, não quero nenhuma camisa de força além do rigor investigativo e da paixão que me desperta a curiosidade intelectual, as perguntas que me aparecem e que se tornam obsessivas. Por ora, os estudos de edição me permitiram sentir essa liberdade e essa criatividade que tanta falta me fazem, e espero continuar sentindo tudo isso pelo tempo que me seja necessário.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

1 – Paula Andrea Marín Colorado

Universidad de Antioquia, Colômbia, Doutora

<https://orcid.org/0000-0002-9930-4500> e e-mail: paulanmc@gmail.com

Contribuição: Produção do relato

2 – Ana Elisa Ribeiro

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Doutora.

<https://orcid.org/0000-0002-4422-7480> e e-mail: anadigital@gmail.com

Contribuição: Tradução integral do relato ao português